

**POSTOS E GRADUAÇÕES DAS MULHERES NO EXÉRCITO
BRASILEIRO: UMA BREVE VISÃO SOCIOLINGUÍSTICA
SOBRE O TRATAMENTO ATRIBUÍDO**

Lucas Iester Pereira Ipólito (UEMS)
profipolito@gmail.com

RESUMO

Desde 1648, o Exército Brasileiro (EB) é uma instituição de Estado e tem a missão de defender a Pátria e garantir os Poderes Constitucionais. Então, pensando neste contexto é que este trabalho vem na proposta de apresentar e entender um pouco das forças nacionais; mas focando nos vocábulos e léxicos relacionados aos postos e graduações (patentes) do público feminino. Salientando que, dentro deste aquartelamento, estas mulheres serão sempre tratadas no masculino. Logo, não faremos uso desta lupa só para saber como devemos chamá-las ou tratá-las, e sim, analisaremos as respostas proferidas por elas, para entendermos como a mulher militar se sente ao ser tratada desta maneira, uma vez que dentro do contexto militar suas patentes sempre estarão e serão no masculino.

Palavras-chave:

Mulher. Tratamento. Gênero Feminino.

ABSTRACT

The Brazilian Army (EB) has been a State institution since 1648 and has the mission of defending the Homeland and guaranteeing the Constitutional Powers. So, this work comes with the proposal to present and understand a little of the national forces; but, also focusing on understanding, knowing and showing about the positions and graduations (patentes) of the female audience. It is extremely importante to point out that within this environment these women are Always treated as masculine; therefore, we still not use this magnifying glass just to know what to call or portray them; but, we will analyze their answers, to know and understand how the military Woman feels When being treated in this way, since within the military contexto her ranks will also be and will be in the masculine.

Keywords:

Woman. Treatment. Female Gender.

1. Introdução

O Exército Brasileiro (EB) é uma instituição de Estado desde 1648 e tem a missão de defender a Pátria e garantir os Poderes Constitucionais. E para este trabalho, quando falamos de Exército Brasileiro, queremos trazer o destaque para o assunto “Postos e graduações”, em específico, os postos e graduações do público feminino; pois é por meio e com base neste

assunto que alguns pontos da Sociolinguística serão vistos, discutidos, analisados e apresentados.

2. Desenvolvimento

Para uma melhor contextualização, o desenvolvimento deste trabalho será dividido da seguinte maneira: A história da mulher no Exército Brasileiro (EB); Postos e Graduações e O tratamento da mulher em seus postos e graduações nas forças do Exército Brasileiro sob a lupa da Sociolinguística.

2.1. A história da mulher no Exército Brasileiro (EB)

Desde 1648, a instituição de Estado, Exército Brasileiro (EB), tem a missão de garantir os poderes Constitucionais e defender a Pátria. Ou seja, quando olhamos para o ano em que estamos vivendo, parece muito; contudo, quando falamos das forças (Marinha, Exército e Aeronáutica), sabemos que se comparar a Marinha do Brasil, o Exército é novo; afinal, a existência da força da Marinha já se tem há milhares de anos. No entanto, o foco deste trabalho não é especificamente abordar sobre as forças que temos no Brasil, mas em observar sobre como o público feminino é tratado pelas suas patentes, assunto este que é conectado diretamente aos “Postos e graduações”. Para isto, vamos esboçar sobre a presença deste público dentro do EB.

Então, se é para falar do início, não podemos deixar de lado a história desta mulher que marcou não somente a presença, mas abriu caminho para muitas outras entrarem no EB. Logo, estamos falando que tudo começou com a participação da Maria Quitéria de Jesus, primeira mulher a assentar praça em uma unidade Militar e que foi para combate em 1823, lutar pela manutenção da independência do Brasil, inclusive, é importante ressaltar que ela só foi reconhecida na fileira do exército, como Patrono do Quadro de Complementar de Oficiais do Exército Brasileiro em 1996, ou seja, depois de mais de cem anos. Todavia, as mulheres passaram a ingressar oficialmente no Exército Brasileiro em 1943, durante a Segunda Guerra Mundial, quando foram enviadas 73 enfermeiras, sendo 67 enfermeiras hospitalares e 6 especialistas em transporte aéreo. Logo, após a Guerra, assim como o restante da Força do Exército Brasileiro, as enfermeiras, em sua maioria foram condecoradas, ganhando a patente de oficial e licenciadas do serviço ativo militar.

Também é importante ressaltar que a primeira turma de mulher (49 mulheres) da Escola de Administração do Exército (Salvador-BA) foi matriculada em 1992, mediante a realização de concurso público.

E para complementar um pouco mais da história da inserção da mulher no Exército Brasileiro, fica aqui um trecho descritivo de alguns recorres importantes a ser conhecido. De acordo com o *site* do Exército Brasileiro⁴⁶:

O Exército instituiu o Serviço Militar Feminino Voluntário para Médicas, Dentistas, Farmacêuticas, Veterinárias e Enfermeiras de nível superior (MFDV) em 1996. Naquela oportunidade, incorporou a primeira turma de 290 mulheres voluntárias para prestarem o serviço militar na área de saúde. Essa incorporação ocorreu em todas as doze Regiões Militares do País.

O Instituto Militar de Engenharia – IME (Rio de Janeiro-RJ) em 1997, matriculou a primeira turma de 10 mulheres alunas, a serem incluídas no Quadro de Engenheiros Militares (QEM). A Escola de Saúde do Exército – EsSEX (Rio de Janeiro-RJ) matriculou e formou, no mesmo ano, a primeira turma de oficiais médicas, dentistas, farmacêuticas, veterinárias e enfermeiras de nível superior, no Quadro de Saúde do Exército.

No ano de 1998, o Exército instituiu o Estágio de Serviço Técnico, para profissionais de nível superior que não sejam da área de saúde. Naquela oportunidade, incorporou a primeira turma de 519 mulheres advogadas, administradoras de empresas, contadoras, professoras, analistas de sistemas, engenheiras, arquitetas, jornalistas, entre outras áreas de ciências humanas e exatas, atendendo às necessidades de Oficial Técnico Temporário (OTT) da Instituição.

A Escola de Saúde do Exército em 2001, permitiu a inscrição de mulheres para participar do concurso público para o preenchimento de vagas no Curso de Sargento de Saúde que passou a funcionar em 2002.

Ou seja, esta inserção da mulher em cargos e funções no Exército Brasileiro ainda é muito recente, porém, vem tomando uma proporção simbólica; contudo, ainda muito lenta.

3. Postos e Graduações

Agora que falamos sobre a história da mulher no Exército Brasileiro, vamos ao assunto “Postos e Graduações”, que muito tem a ver e contribuir com o trabalho.

⁴⁶ EXÉRCITO BRASILEIRO. *História da mulher no exército*. Disponível em: http://www.eb.mil.br/web/ingresso/mulheres-no-exercito/-/asset_publisher/6ssPDvxqEURI/content/a-historia-da-mulher-no-exercito. Acesso em: 01 de agosto de 2022.

Grande parte do Brasil sabe que o lema “Hierarquia e disciplina” é bem forte e enraizado dentro do EB, por isso que quando se trata do assunto “Postos e Graduações”, entramos no foco deste trabalho, pois a forma como cada um é tratado e respeitado dentro destes espaços tem conexão com seus postos e graduações; afinal, são eles que delimitam e deixam claro a posição e o comando de cada militar, seja ele homem ou mulher.

Por isso, mais uma vez, com base no site do Exército, traremos aqui uma pequena amostragem destes “Postos e graduações”; contudo, é importante salientar que dentro das três forças (Marinha, Exército e Aeronáutica) haverá algumas diferenças na forma em que estes postos e graduações são nomeados, por isso reforçamos, o que será apresentado abaixo é de uso da força Exército Brasileiro (EB)⁴⁷:

Fig. 1: Oficiais Gerais.



Fig. 2 Oficiais Superiores.

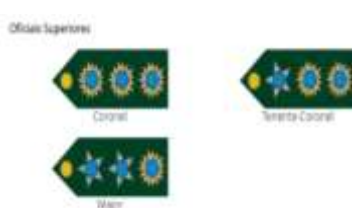


Fig. 3: Oficiais Intermediários.

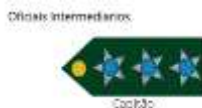


Fig. 4 Oficiais Subalternos.



⁴⁷ EXÉRCITO BRASILEIRO. *Postos e Graduações*. Disponível em: http://www.eb.mil.br/postos-e-graduacoes/-/asset_publisher/DQlwhsMH8YR7/content/exercito?inheritRedirect=false&redirect=http%3A%2F%2Fwww.eb.mil.br%2Fpostos-e-graduacoes%3Fp_id%3D101_INSTANCE_DQlwhsMH8YR7%26p_p_lifecycle%3D0%26p_p_state%3Dnormal%26p_p_mode%3Dview%26p_p_col_id%3Dcolumn-1%26p_p_col_count%3D1 (Acesso em 01 de agosto de 2022).

Fig. 5: Graduados.



Então, aqui podemos afirmar que observando os desenhos das patentes, também conhecidos como “bolachas”; de cima para baixo, veremos que a hierarquia foi do mais graduado ao menos graduado, seguindo a seguinte ordem: no grupo de Oficiais Gerais (Figura 1) teremos: o Marechal (cinco estrelas), o General de Exército (quatro estrelas), o General de Divisão (três estrelas) e o General de Brigada (duas estrelas); no grupo de Oficiais Superiores (Figura 2) teremos: o Coronel, Tenente Coronel e Major; nos Oficiais Intermediários (Figura 3) teremos: o Capitão; no grupo de Oficiais Subalternos (Figura 4) teremos: o 1º Tenente, 2º Tenente e Aspirante; por fim, no grupo de Graduados (Figura 5) teremos: Subtenente, 1º Sargento, 2º Sargento, 3º Sargento, Taifeiro-Mor, Cabo, Taifeiro de 1ª Classe, Taifeiro de 2ª Classe e Soldado. Algumas informações são importantes serem acrescentadas nestas observações.

É importante saber que em meio a todos estes postos e graduações há uma primeira divisão, que é a de Oficiais e Praças, sendo que a de Oficial começa como Aspirante e em tese pode chegar a General; já os praças começam como Recrutas (Soldados), podendo chegar até Subtenente.

Outra informação a ser observada é que até o presente momento, ainda não existe na história do Brasil nenhuma mulher que tenha chegado ao posto de General no Exército Brasileiro; contudo, há rumores de que em breve isto pode acontecer, pois como fora citado na parte da “História da mulher no EB”, desde que se teve a inserção da mulher no oficialato, há possibilidade de isso acontecer o mais breve possível, tudo é questão de tempo, curso, feitos, política e indicação.

E por fim, a última informação a ser observada aqui e não menos importante, é o fator de vermos que ao analisar estes “Postos e graduações” se deve considerar que tanto o homem quanto a mulher sempre serão tratados no masculino, pois é tradição e do linguajar “miliquês” portar-se uns aos outros desta maneira; por exemplo, dentro do quartel, quando um soldado for conversar com um militar do gênero masculino, e este for

superior, como é o caso da patente de sargento, o soldado deverá chamar de sargento ou senhor, já se fosse o caso de militar do gênero feminino, o soldado deverá chamar de senhora ou continuar chamando de sargento e não de “sargenta”. Então, é devido a isto que este trabalho foi produzido, pois o foco é não julgar, mas entender o porquê disso e como as mulheres militares se sentem com relação a esta situação.

4. Postos e Graduações das mulheres no Exército Brasileiro: uma breve visão sociolinguística sobre o tratamento atribuído

Conforme já foi abordado nos tópicos anteriores, a mulher conseguiu seu lugar dentro das forças do Exército Brasileiro e tem alcançado postos e graduações, seja como praça ou mesmo como oficial; contudo, o que chama a atenção aqui e será o foco deste trabalho, é entender o porquê da mulher ser tratada sempre no masculino, entender se é do gosto delas, entender o que pensam disso e entender se gostariam que isso fosse mudado.

Mas, antes de entrarmos nestes pontos, é importante trazer aqui alguns outros, pois é por meio deles que poderemos não somente discutir, mas também analisar e fazer uso da lupa da Sociolinguística.

E já que tocamos em Sociolinguística, devemos entender o porquê usaremos esta como base de análise, e não esquecer que como é ela que estuda o uso da língua, nada mais plausível do que trazê-la para este trabalho; afinal, quando falamos do “uso da língua”, não será somente daquela língua que está diretamente no livro, mas a que observa os contextos reais, onde no caso do nosso trabalho são as mulheres em um contexto militar fazendo uso do “miliquês” (linguagem militar).

Inclusive, se usamos da Sociolinguística para este trabalho, nada melhor do que parafrasear as palavras de Coelho (2012, p. 17) que diz que “a Sociolinguística se ocupa de questões como variação e mudança linguística” (que ocorre até mesmo entre quartéis da mesma e regiões diferentes), contato linguístico (entre as mesmas patentes ou até diferentes), línguas minoritárias (quer queira quer não, se pensar em língua brasileira, é um grupo menor e que tem seus próprios códigos), planejamento linguístico (se pensarmos na história do EB, foi uma língua planejada), entre outras.

E se queremos adentrar neste mundo, vamos exemplificar isto, lembrando da vez que Possenti nos trouxe humor por meio de um diálogo

riquíssimo:

Domingo à tarde, o político vê um programa de TV. Um assessor passa por ele e pergunta: – Firme?

O político responde: – Não, Sívrio Santos. (POSSENTI, 1998, p. 34)

Até porque com certeza, quem estudou ou leu um pouquinho desta obra, pelo menos abriu um sorriso aí; pois não esqueceu do humor que esta obra nos traz, além de que este pode ser um fato onde o foco não é somente na língua em si, mas em como estamos usando-a. E no caso deste trabalho, o foco é observar as formas de tratamento (patente) da mulher dentro deste contexto do militarismo.

Outro ponto que também não devemos esquecer é que a fala padrão é só uma das muitas variantes (maneira de falar) que há na língua; pois, se pensarmos nisto, temos variantes diversas no grupo de: mulheres, homens, pessoas da “roça”, LGBTQIAP+, militares etc.

Inclusive, se relembrarmos aqui a obra *Introdução à Sociolinguística*, de Maria Cecília Mollica que é uma referência para o entendimento das relações que perpassam língua e sociedade, saberemos que esta pode e é de suma importância para este trabalho; afinal, assim como a obra de Mollica foi uma obra indicada para todos aqueles que se interessam por questões de linguagem, foi uma obra que ajudou na elaboração do “Questionário” (Anexo), pois para pensar em cada questão, foi necessário um olhar para a língua, linguística, sociolinguística, variação linguística; para as patentes, graduações, hierarquia; e então, juntar tudo isto no contexto militar.

Logo, no caso deste trabalho, tentamos não só observar/analisar, mas realmente focar nas variantes que poderiam aparecer por meio deste grupo de mulheres militares.

É até interessante citar aqui que, mesmo tendo um grupo variado, há de se contar o “miliquês”, que foi uma outra variação e que é riquíssimo em criação de abreviaturas, trazendo palavras usualmente populares ao contexto de mundo do militar.

E sim, há vários outros pontos a mais que poderíamos trazer da Sociolinguística para este mundo; contudo, este já é um trabalho amplo, que já atende e mostra a importância de observar o uso desta língua neste contexto, pois é de grande valia e complexidade; afinal, se pensarmos que no meio militar “Ele” é um sargento e “Ela” é um sargento, nos proporciona páginas e páginas de análises e discussão, até porque, só aqui

precisaríamos pesquisar, refletir e entender de fato os diversos contextos que giram em volta dessa “simples” questão do gênero.

Mas, voltando para o questionário (Anexo), pensando nesta Sociolinguística e entendendo um pouquinho de seus campos, alguns questionamentos foram levantados para tentar entender essas mulheres neste meio.

Contudo, mais um detalhe e de grande valia aqui, é entender que nos quartéis, estas mulheres, antes de terem seus postos e graduações, todas passam ou por um processo seletivo ou em concurso, que serão executados diretamente pelo EB ou por outros órgãos que apoiam o EB, pois enfim, só assim os postos e graduações serão distribuídos.

Devido a isso, é importante entendermos que com relação aos postos e graduações, a hierarquia será no mesmo peso; contudo, quando entramos no âmbito dos processos seletivos e concursos, as coisas mudam; pois teremos as seguintes divisões: concurso para temporário, concurso para carreira, processo seletivo para civis e concursos para civis. Ou seja, é possível ter uma sargento temporária e uma sargento de carreira.

Enfim, de tudo isto que falamos, o que precisa ficar claro é que uma mulher antes mesmo de se formar em uma das forças armadas, ela necessita entender que já nos processos/concursos haverá um tratamento padrão para todos, contudo, trazendo uma separação hierárquica, o que diferenciara entre o grupo, além de que, quando ela entrar para as forças armadas, ela também precisa ter em mente que, jamais será vista como uma mulher, mas como um soldado, que está ali para servir e/ou ser servido. Logo, por isso, ela precisa entender que dentro de um quartel, até então, sempre será tratada por meio de patentes masculinas e que devido a isso, será exigido um tom de voz, postura, vestimenta e tantos outros detalhes que também caminharão nestes trilhos tão diferentes.

Ou seja, por isto ela precisará estar atenta, pois ao utilizar o “mili-quês” precisará entender que o sistema a obrigará fazer uso desta variação, que talvez para estes tempos modernos, pode ser ou se tornar complexo.

5. Resultados obtidos

Bem frustrado, infelizmente informo que o questionário não foi aplicado, pois, para isto acontecer seria preciso da autorização do comandante do quartel, e esta não foi possível obter, pois de acordo com ele, para se fazer uma pesquisa deste conteúdo e desta dimensão, seria necessário

autorização não somente dele, mas de diversas outras fontes, que a princípio, devido ao tempo que teríamos não seria possível.

Contudo, ainda assim, como tenho acesso a esse público, por conta própria decidi transformar este questionário em uma pergunta e entregar para algumas mulheres que eram próximas a mim, pois assim que elas viessem a pergunta, produziriam um pequeno texto e me entregariam. Então, com este texto e com momentos do meu dia a dia, por meio de um bate-papo, fui conversando com as militares que tive acesso. Infelizmente, não poderei anexar as respostas escritas e não poderei citar nomes, mas das 23 militares que fizeram os textos e que conversei (sargentos, tenentes, capitão e tenente coronel), 14 disseram que não veem problema em serem tratadas no masculino, uma vez que o respeito devido é dado e as ordens e missões são cumpridas, já 9 disseram que não gostam, pois entendem que já provaram ter capacidade, potencial e direito ao que é delas. Contudo, é importante relatar aqui que das 9, 8 são militares temporárias e 1 de carreira, e, das 14 que não viram problema, 12 são temporárias e 2 são de carreira.

6. Considerações finais

Infelizmente, até o presente momento não é, não foi e nem será possível afirmar nada. No entanto, algo que já era claro e que ficou bem marcado a mim é, assuntos que envolve o Exército Brasileiro são e serão difíceis de pesquisar; primeiro, pela quantidade de autorizações que é exigida para acessar qualquer informação; segundo, porque este grupo é muito diversificado, inclusive, há muitos que gostam de colocar os militares na mesma caixinha e isso é um equívoco, pois se tem um lugar que encontraremos diversidade é no EB; terceiro, dificilmente os militares de carreira dão espaço para falar sobre estas e outros tipos de questões; além de que, os militares temporários dificilmente têm coragem (se é que seria adequada usar este termo) de entregar este tipo de informação; afinal, só quem já passou por lá sabe como é complexo falar de qualquer assunto que envolva as forças armadas.

Contudo, algo que me chamou a atenção é, além de já saber que isto daria uma bela e riquíssima pesquisa, é muito interessante notar, ainda mais para quem vive dentro do sistema, que os perfis mesmo dentro de uma classificação única, por exemplo: militares temporários; ainda assim diversificam nas opiniões.

Por isso, quando pensei em afirmar que normalmente o grupo de militares temporárias tinham a mesma visão, vi que seria muita prepotência da minha parte, pois, mesmo que o discurso das temporárias sejam parecidos, quando se para e analisa a construção de suas respostas, é possível ver que a militar que tem familiar de carreira, ama tanto este mundo que mesmo entendendo da importância de ser tratada em seu gênero, não é e nem gera um incômodo, pois está enraizado de maneira que tornou-se um processo natural; assim, como aquela militar que não tem ninguém da família, mas que sempre sonhou estar ali, ama tanto este mundo que acaba por ter a mesma visão da que conviveu com diversas pessoas do meio.

Ou seja, usando de uma frase muito dita no meio militar e que faz parte de suas tradições é “Tudo no mundo passa e o exército fica.”, logo, como também é bem comentado entre as forças, o Exército é e sempre será tradicional, então, ou você entra e se adapta ou sai e busca outros ares.

E por fim, como disse Dargel (*Apud* SAPIR, 1969, p. 45): “O léxico completo de uma língua pode se considerar, na verdade, como o complexo inventário de todas as ideias, interesses e ocupações que açambarcam a atenção da comunidade (...).” Ou seja, em partes, como cada um vai usar, se chamar ou escrever esta patente/léxico dependerá dos interesses, ocupações e até posições que estão, querem ou entendem estar e merecer.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

COELHO, Izete Lehmkuhl *et al.* *Sociolinguística*. Florianópolis-SC: UFSC, 2012.

MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luísa. (Orgs). *Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2003.

POSSENTI, Sírio. *Os humores da língua*. Campinas-SP: Mercado de Letras, 1998.

Outras fontes:

EXÉRCITO BRASILEIRO. *O exército*. Disponível em: <https://www.eb.mil.br/o-exercito>. Acesso em 26 jun. 2021.

EXÉRCITO BRASILEIRO. *A história da mulher no exército*. Disponível em: http://www.eb.mil.br/web/ingresso/mulheres-no-exercito/-/asset_publisher/6ssPDvxqEURI/content/a-historia-da-mulher-no-exercito. Acesso

em 01 ago. 2022.

EXÉRCITO BRASILEIRO. *Postos e graduações: Exército*. Disponível em: http://www.eb.mil.br/postos-e-graduacoes/-/asset_publisher/DQlwhsMH8YR7/content/exercito?inheritRedirect=false&redirect=http%3A%2F%2Fwww.eb.mil.br%2Fpostos-e-graduacoes%3Fp_p_id%3D101_INSTANCE_DQlwhsMH8YR7%26p_p_lifecycle%3D0%26p_p_state%3Dnormal%26p_p_mode%3Dview%26p_p_col_id%3Dcolumn-1%26p_p_col_count%3D1. Acesso em 01 ago. 2022.

Anexo 1 – Questionário

Você serviu em qual/quais Força(s)?

- Marinha
- Exército
- Aeronáutica
- Outra: _____

Caso tenha servido em outra Força que não seja o Exército, chegou à qual patente?

- Sargento
- Sub Tenente
- Tenente
- Capitão
- Major
- Coronel
- Tenente Coronel
- Outro: _____

Começou no Exército como:

- Praça
- Oficial

No Exército, você é:

- Civil contratada
- Civil concursada
- Militar temporária
- Militar de carreira

No Exército, qual é a sua patente?

- 3º Sargento
- 2º Sargento
- 1º Sargento
- Sub Tenente
- 2º Tenente
- 1º Tenente
- Capitão
- Major
- Tenente Coronel
- Coronel
- Outra: _____

Com relação a sua patente, se incomoda de estar no masculino? Por quê?

- Sim
 - Não
-
-

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

Com relação a sua patente, gostaria de ser tratada no feminino? Por quê?

Sim

Não

Na sua seção, há homens com a mesma patente da sua? Qual?

Sim

Não

Na sua seção, há subordinados a você? Quantos e quais as patentes?

Caso tenha subordinados a você na sua seção, são do gênero masculino, feminino ou de ambos? Você sente que eles os respeitam ou vê alguma resistência? Descreva melhor sobre.

Anexo 2 – Pergunta

Relato

Sabemos que aqui no Exército quando o assunto é patente, não existe artigo feminino que resista. Pensando nisto, poderia me dizer como vê esta questão? Te afeta? Constrange? É natural? Gosta desta situação? Dê sua opinião sobre isto.
